

Notas e Recensões

CANDACE SLATER, *DANCE OF THE DOLPHIN: TRANSFORMATIONS AND DISENCHANTMENT IN THE AMAZONIAN IMAGINATION*, CHICAGO, UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS, 1994, 314 pp.

Isabel Cardigos*

Aí, apareceu lá na beira um rapaz muito bonito. Era Boto, né? mas em forma de homem, aquele homem bonitão. Aí, ele queria que eu fosse para o fundo com ele. Queria que eu fosse a mulher dele, disse que dava muita riqueza, muita coisa boa para mim. [...] só que eu tinha os meus filhinhos, ainda pequeninhos, e não dava para mim. Então ele pegou a cantar aquela cantiga que já cantei para a senhora, lembra? Puxa vida, até hoje penso naquele rapaz! (pp.277-8)

Um boto é uma espécie de golfinho da bacia do Amazonas (*inia geoffrensis*); mas um boto pode ser um *Boto* (a letra maiúscula está lá para os distinguir), e um Boto... é um ser encantado. Por seu lado, Candace Slater é professora de Português e Espanhol na Universidade da Califórnia (Berkeley) e os seus trabalhos anteriores¹ familiarizaram-na com a cultura popular brasileira. Aliciou-a a informação dada por alunos seus sobre a crença em golfinhos encantados na região amazónica, e o presente estudo é fruto de três sortidas em trabalho de campo, especialmente junto da população da pequena cidade de Prazintins.

A autora tira partido do potencial de curiosidade que, à partida, o tema suscita: o livro que resultou destes encontros combina uma verve jornalística, que cativa o leitor comum, com a metodologia especializada, que, aplicada a um trabalho de campo cujo interesse é notável, interessará sem dúvida investigadores de um vasto leque das ciências humanas.

Vale a pena seguir o percurso dos diversos capítulos para termos uma ideia de como a abordagem do tema é abrangente. Na introdução, é apresentado o assunto e a abordagem teórica da autora no que diz respeito a origens e influências deste tipo de crenças/narrativas:

Ultimately, I am far less concerned with what might be Amerindian —or African Brazilian or European— in these stories than I am with the dynamics of symbolic

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. U.C.E.H. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas, 8000 FARO. Portugal.

¹ *Stories on a String: The Brazilian "Literatura de Cordel" e Trail of Miracles: Stories from a Pilgrimage in Northeast Brazil*, Berkeley, University of California Press, 1989 e 1986.

transformation and resistance, and the present-day significance of a hybrid, and uniquely Amazonian, expressive form² (pp.3-4).

Com efeito, para quem queira comparar histórias de Botos com lendas portuguesas de mouras encantadas ou com histórias africanas (nomeadamente angolanas e guineenses) em que, nos bailes, espectros seduzem as raparigas, continua a ter o campo livre, pois este estudo muito simplesmente não as toma em consideração: A própria autora declara optar por destacar os pontos comuns com as lendas ameríndias, que “have been overlooked or flatly denied by previous scholars”³ (p.60). É verdade que a bibliografia remete para outros seres encantados, como os da Venezuela, mas às lendas de mouras nem aí é feita referência. Chamaria também a atenção para a história nº 10 (p.107), em que se narra o castigo de que é alvo uma comunidade, a qual, pelos pecados dos seus habitantes, é submergida pelas águas, e que ganharia em ser comparada com narrativas semelhantes, nomeadamente a conhecidíssima lenda normanda da cidade de Ys. Confesso que, pessoalmente, me frustrou o silêncio que a autora sistematicamente faz sobre estruturas tão comparáveis com as que esta monografia nos oferece.

Terminada a introdução, passamos para o primeiro capítulo, em que se começa por situar, geográfica e historicamente, o complexo xadrez da população do Brasil amazónico. Num *zoom* gradual, somos guiados até à cidade de Prazintins e (no segundo capítulo) até cada um dos informantes. Ao longo de todo o relato, a autora tem a preocupação constante de contextualizar cada uma das suas histórias, abordagem tanto mais correcta quanto muitas das lendas são protagonizadas pelos próprios narradores, sendo contadas, portanto, como experiências vividas. A focagem é quase antropológica, as histórias só tomam corpo a partir de quem as conta, são o produto de uma circunstância, de uma situação, da tecitura de uma vida, de uma personalidade. Das pessoas passamos para o objecto das suas histórias, dos seus medos e fascínios: aprendemos primeiro a distinguir golfinhos. Assim, o boto — objecto das lendas sobre o Boto — não se confunde com o tucuxi, o golfinho que nos é familiar (*sotalia fluvialis*), mais escuro e pequeno; são os botos que, imprevisíveis e inquietantes, estão na origem das crenças de que alguns deles são mais do que parecem: seres sobrenaturais que se transformam em gente, para, nos bailes, encantar jovens, fazendo-as definhar de amor ou aliciando-as a acompanhá-los para o fundo do mar⁴. Antes da análise da variedade das narrativas, temos um capítulo dedicado aos desempenhos, em que, com o fim de convenientemente os enquadrar, são apresentadas em pormenor três sessões de recolha. Entramos depois na análise temática das narrativas, que aborda o imaginário do Boto em três vertentes (= três capítulos), cada uma delas considerada na sua ligação profunda com a vida de quem sonha e vive estas histórias: o Boto como ser encantado, como amante e como homem branco. Muito curiosas, as reflexões de Candace Slater sobre estes vários aspectos, o carácter protaico do encantado e a sua ambiguidade

² “Em última análise, estou muito menos preocupada com o que possa ser ameríndio —ou afro-brasileiro ou europeu— nestas histórias do que com a dinâmica da transformação simbólica e a dinâmica da resistência, e com o significado actual de uma forma expressiva híbrida e exclusivamente amazónica”.

³ “Foram ignorados ou simplesmente negados por especialistas anteriores”.

⁴ De notar que, mais raramente, os Botos podem aparecer também sob a forma feminina, seduzindo rapazes.

Notas e Recensões

moral (p.157), a homologia entre o Boto (de pele rósea quando golfinho, homem branco quando gente) e o *outsider* fascinante, incompreensível, rico e perigoso. Mas fui sobretudo cativada pela análise levada a cabo no último capítulo (“Transformation and Disenchantment”) em que, sem medo de pôr em causa as suas interpretações anteriores, Candace Slater examina o declínio da presença do Boto entre as pessoas que vão sendo assimiladas pelos ritmos da tecnologia urbana, a qual não tolera tais crenças antiquadas. Este declínio faz com que, de branco e *outsider*, o Boto passe *também* a ser o símbolo de raízes perdidas, de um passado afundado. O seu estatuto parece tornar-se, pois, duplamente ambíguo, porque “dolphins are increasingly a symbol of resistance to the very sort of domination they traditionally have embodied”⁵ (p. 231). É arrojada a proposta de expor esta contradição, ela própria uma característica destes dançarinos da mente que “defy all dichotomies and, ultimately, all established order”⁶ (p. 254). “Voláteis” em relação a qualquer tentativa de classificação, “their resistance to definition constitutes a safeguard against domination”⁷ (p. 254).

Em resumo — foram, sem dúvida, ouvidas com o coração estas vozes marginais que contaram lendas de golfinhos encantados. O que me parece, sem dúvida, um bom caminho para começar a entender tais histórias. Encontram-se elas, aliás, transcritas no original português num valioso apêndice, o qual é seguido e complementado por um útil glossário de brasileirismos.

MARINA WARNER, *FROM THE BEAST TO THE BLONDE: ON FAIRYTALES AND THEIR TELLERS*, LONDRES, CHATTO & WINDUS, 1994, 458 pp.

Isabel Cardigos*

Marina Warner é uma das figuras femininas mais fascinantes da cena inglesa contemporânea, tão conhecida pelos seus romances como pela vasta obra ensaística. Foi sua a voz que, em 1994, ficou consagrada ao pronunciar o prestigioso ciclo das “Reith Lectures” na BBC, seis palestras publicadas ainda nesse ano com o título *Managing Monster: Six Myths of Our Time* (Londres, Vintage).

Tive o gosto de a conhecer no decurso do seu trabalho de pesquisa cujo fruto veio a ser o estudo em epígrafe — uma apaixonada jornada que contagiou todos os que,

⁵ “Os golfinhos tornam-se cada vez mais um símbolo da resistência ao próprio domínio que tradicionalmente representaram”.

⁶ “Desafiam todas as dicotomias e, em última análise, toda a ordem estabelecida”

⁷ “A sua resistência a serem definidos constitui uma salvaguarda contra a dominação”

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. U.C.E.H. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8000 FARO. Portugal.